

HRT realiza primeira cirurgia em bebê com glaucoma congênito. Doença provocaria em poucos anos cegueira na pequena Gabrielly

Marcelo Ferreira/CB - 22/11/07



GABRIELLY, DE APENAS 25 DIAS, COMO SEUS DOIS IRMÃOS MAIS VELHOS, NASCEU COM A DOENÇA. TEVE A SORTE DE SER OPERADA LOGO PARA EVITAR A PERDA DA VISÃO

Olhos abertos para a vida, sem lágrimas e escuridão

ELISA TECLES

DA EQUIPE DO CORREIO

A menina Gabrielly Lohane Muniz de Oliveira nasceu há 25 dias, de parto normal, chorando e com todos os membros do corpo aparentemente em perfeito estado. Ainda deitada na maca, a mãe da menina, a dona-de-casa Vânia Sandra Muniz de Oliveira, 28 anos, recebeu a filha nos braços e se assustou quando a encarou. “Vi que os olhos dela eram meio azulados e na hora entendi que ela tinha o mesmo problema dos meus outros filhos”, disse. Vânia reconheceu nos olhos do bebê o glaucoma congênito, doença hereditária que pode causar a cegueira em poucos anos de vida.

O diagnóstico da menina foi confirmado no dia seguinte ao nascimento, em uma sexta-feira. Na quarta-feira seguinte, Gabrielly deu entrada no centro cirúrgico e se tornou o primeiro bebê a ser operado de glaucoma congênito no Hospital Regional de Taguatinga (HRT). A enfermidade é tão rara que o hospital atende um caso a cada cinco anos, em média. Quanto antes o problema for identificado e corrigido, maiores as chances de preservar a visão da criança.

O glaucoma é causado por um dano no nervo óptico, que leva os estímulos luminosos ao cérebro. O nervo é lesado quando o líquido que circula dentro dos olhos se acumula e faz pressão nos globos oculares. O líquido não é drenado direito e os olhos ficam inchados, volumosos. Com isso, a íris ganha cor azulada e opaca. Nos casos congênitos, o pai e a mãe transmitem os genes da doença ao bebê, que já nasce com a lesão no nervo.

SINTOMAS DA DOENÇA

❖ Fotofobia

A criança tem dificuldade em abrir os olhos na claridade. A luz irrita o bebê e ele permanece com os olhos fechados durante a maior parte do tempo. Alguns só os abrem em ambientes escuros.

❖ Epífora

Os olhos lacrimejam com frequência. As lágrimas correm o dia todo, principalmente nos momentos em que a criança é exposta à luz forte.

❖ Blefaroespasmos

O piscar dos olhos é mais rápido e intenso que o normal. De olhos fechados, a criança mantém as pálpebras pressionadas.

❖ Olhos alterados

Como o globo acumula humor aquoso, os olhos ficam visivelmente inchados. A região da íris perde o brilho e apresenta uma cor azulada e opaca.

“A luz incomoda e a criança lacrimeja muito. Ela quase não abre os olhos, só quando está escuro”, explica a oftalmologista Núbia Vanessa de Faria, que participou da operação de Gabrielly. Segundo ela, os sintomas podem ser identificados por exames feitos logo após o nascimento. “Se o pediatra nota alguma alteração nos olhos do bebê, pede uma avaliação oftalmológica”, explicou a médica. Em certos casos, os sinais da doença são discretos e o diagnóstico só sai após alguns meses de vida.

Na família de Vânia, a demora no tratamento comprometeu a visão de seus dois filhos mais velhos. Maria Solange, de 8 anos, nasceu em Jericó, na Paraíba, e foi operada aos 2 anos e meio de idade. “As pessoas diziam que ela tinha alguma coisa errada, mas eu não queria acreditar. Eu chorava muito antes de saber o que era”, lembrou Vânia. O segundo

filho, Leandro, de 4 anos, nasceu com os olhos grandes e com fotofobia, mas só passou pela cirurgia aos 6 meses.

Sem consulta

A família veio da Paraíba para Brasília em busca de melhores tratamentos. Até hoje, Vânia não conseguiu marcar uma consulta para Leandro. “Às vezes eu não tenho dinheiro para o ônibus e vou a pé para o hospital, mas nunca tem vaga”, reclamou. Os custos com os colírios usados pelas crianças chega a R\$ 300 mensais, uma despesa brutal para o pai dos meninos, Ivanildo de Oliveira, 32 anos, que ganha R\$ 500 como ajudante de carga. Solange e Leandro só enxergam bem de perto. A menina senta bem perto do quadro-negro para acompanhar as lições da escola e assiste à televisão colada na telinha. Os dois não suportam a claridade e tampam os olhos com as mãos quando saem de casa.

O destino de Gabrielly, a caçula da família, deve ser diferente. A cirurgia não vai curá-la do problema e ela precisará de acompanhamento oftalmológico por toda a vida. Entretanto, os riscos de a menina perder a visão por com-

pleto são menores. No futuro, ela pode precisar usar óculos ou fazer outras operações. “Existem alguns exames que são feitos em crianças a partir dos quatro meses para avaliar qual é a perspectiva de visão. Depois disso é monitorado a cada consulta”, comentou Núbia. Ainda assim, não é possível prever se a menina ficará cega depois de adulta ou não.

De acordo com a médica, o diagnóstico rápido é a melhor solução para o problema. Quanto mais cedo o bebê passar pela intervenção, mais chances ele tem de não sofrer os efeitos do glaucoma. “Se a criança não nasce prematura e está saudável, pode ser melhor operar logo. Por isso é necessário o esforço da equipe médica para identificar o caso”, recomendou. Os pais de recém-nascidos devem reparar se a criança passa muito tempo com os olhos fechados, se irrita com a claridade e lacrimeja sem parar.

Existem outros tipos de glaucoma que podem afetar pessoas de todas as faixas etárias. O mais comum deles é o primário de ângulo aberto, que causa danos irreversíveis ao olho humano. Quando os sintomas surgem, o nervo óptico já está parcialmente danificado. “As alterações nas fibras nervosas são permanentes, não têm volta. Por isso o tratamento não busca a melhora da visão, mas evitar a cegueira”, detalhou o oftalmologista Daniel Moon Lee.

Segundo dados da Associação Brasileira dos Amigos, Familiares e Portadores de Glaucoma (Abrag), há pelo menos um milhão de pessoas com a doença no Brasil. Entre adultos com mais de 40 anos, no mínimo 4% estão no grupo de risco e podem desenvolver o defeito. A partir dessa idade, os exames devem ser feitos uma vez por ano. Um dos testes de rotina nos consultórios é checar a pressão do olho, que pode indicar uma tendência ao problema. Ainda assim, não existe uma regra para saber qual o nível de pressão pode causar a doença.